

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

*Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.*

Memória do Santos Futebol Clube (SFC)

## SFC nas ondas do rádio

História de [Victor Moran \(Emílio Vitorino Moran\)](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 17/12/2013

---

P/3 – Nome completo do senhor.

R – Meu nome é Emílio Vitorino Moran.

P/3 – Emílio?

R – Vitorino Moran. Victor Moran foi uma opção artística que eu encontrei e fiz uma quebra no nome. Eu não recorri a nenhuma outra palavra, nenhuma outra letra que não fosse do meu próprio nome, mas houve uma corruptela vamos assim dizer, por isso ficou Victor Moran, mas de batismo é Emílio Vitorino Moran.

P/3 – Data de nascimento?

R – 5 de junho de 40.

P/3 – Santos?

R – Santos, nasci na Santa Casa Velha.

P/3 – O nome do pai do senhor?

R – José Moran Menedez.

P/3 – A data de nascimento?

R - Do meu pai? 8 de janeiro de 1891, eu sou o caçula, nasci numa bamba danada.

P/2 – É que meu avô, eu estou com 51, o meu avô nasceu em 97.

R – É, quando eu nasci o meu pai já tinha 49 anos.

P/3 – O seu pai era da cidade de Santos?

R – Espanhol.

P/3 – Espanhol, você sabe em que cidade que ele nasceu?

R – Ele era de Astúrias. Asturiano, minha mãe também. É, a minha mãe também era espanhola.

P/3 – Já vamos falar dela?

R – Ah, sim.

P/3 – Atividade do pai do senhor?

R – Meu pai trabalhou na construção civil, depois ele teve uma oficina de granito, granitina, gesso, granitina essas coisas.

P/3 – O nome da mãe do senhor?

R – Aurora Moran.

P/3 – Aurora Moran, ela nasceu?

R – 25 de março de 1894.

P/3 – Local?

R – Em Astúrias. É, tem aldeia lá, mas põem só Astúrias está bom, aonde nasceu o Rei da Espanha é lugar bom de nascer. (risos)

P/3 – A mãe do senhor tinha que atividade?

R – Só do lar.

P/3 – Quantos irmãos o senhor tem?

R – Atualmente só tenho uma irmã, os outros são falecidos.

P/1 – Mas eram quantos?

R – Ah, quantos, nós somos em sete, duas mulheres e cinco homens.

P/3 – O senhor era mais novo, temporão?

R – É.

P/3 – A situação familiar, o nome do cônjuge, o senhor é casado?

R – Eu sou viúvo, deixa eu explicar, eu vivo com uma mulher, mas eu não sou casado legalmente com ela, só vivo com ela, certo? Quer o nome dela? Renata, eu estou sendo rigorosamente verdadeiro. Renata Azevedo Rato

P/3 – A data de nascimento?

R – Dela é, 15 de fevereiro de 38.

P/3 – É de Santos também?

R – Não, ela é de São Paulo. E é corintiana, ainda tem mais essa. (riso)

P/2 – Tem algum parente aqui, Rato?

P/3 – Qual é o nome completo do senhor?

R – Meu nome é Emílio Vitorino Moran.

P/3 – Emílio?

R – Vitorino Moran. Victor Moran foi uma opção artística que eu encontrei e fiz uma quebra no nome. Eu não recorri a nenhuma outra palavra, nenhuma outra letra que não fosse do meu próprio nome, mas houve uma corruptela vamos assim dizer, por isso ficou Victor Moran, mas de batismo é Emílio Vitorino Moran.

P/3 – Data de nascimento?

R – Cinco de junho de 40.

P/3 – Santos?

R – Santos, nasci na Santa Casa Velha.

P/3 – O nome do pai do senhor?

R – José Moran Menedez.

P/3 – A data de nascimento?

R - Do meu pai? Oito de janeiro de 1891, eu sou o caçula, nasci numa bamba danada.

P/2 – É que meu avô nasceu em 97. Eu estou com 51.

R – É, quando eu nasci o meu pai já tinha 49 anos.

P/3 – O seu pai era da cidade de Santos?

R – Espanhol.

P/3 – Espanhol? Você sabe em que cidade ele nasceu?

R – Ele era de Astúrias. Asturiano. E minha mãe também. É, a minha mãe também era espanhola.

P/3 – Já vamos falar dela?

R – Ah, sim.

P/3 – Atividade do pai do senhor?

R – Meu pai trabalhou na construção civil, depois ele teve uma oficina de granito, granitina, gesso, granitina essas coisas.

P/3 – O nome da mãe do senhor?

R – Aurora Moran.

P/3 – Aurora Moran. Quando ela nasceu?

R – vinte e cinco de março de 1894.

P/3 – Local?

R – Em Astúrias. Em alguma aldeia lá, mas põem só Astúrias que está bom, aonde nasceu o Rei da Espanha é lugar bom de nascer. (risos)

P/3 – A mãe do senhor tinha que atividade?

R – Só do lar.

P/3 – Quantos irmãos o senhor tem?

R – Atualmente só tenho uma irmã, os outros são falecidos.

P/1 – Mas eram quantos?

R – Ah, nós somos em sete, duas mulheres e cinco homens.

P/3 – O senhor era mais novo, temporão?

R – É.

P/3 – Qual é a sua situação familiar? O senhor é casado? Qual é o nome do cônjuge?

R – Eu sou viúvo, deixa eu explicar, eu vivo com uma mulher, mas eu não sou casado legalmente com ela. Só vivo com ela, certo? Quer o nome dela? Renata. Eu estou sendo rigorosamente verdadeiro. Renata Azevedo Rato.

P/3 – A data de nascimento dela?

R – Quinze de fevereiro de 38.

P/3 – É de Santos também?

R – Não, ela é de São Paulo. E é corintiana, ainda tem mais essa. (risos)

P/2 – Ela tem algum parente aqui, Rato?

R – Não sei, o avô dela tinha o escritório de café aqui, mas há muito anos. Não sei se tem mais. Acho que não, se não ela teria me falado.

P/3 - A data de casamento do senhor?

R – Do primeiro casamento.

P/3 – Não é casado então?

R – Do primeiro casamento, eu fui casado a primeira vez.

P/3 – Mas, o senhor é viúvo?

R – Você quer do segundo.

P/3 – Isso, só do segundo.

R – Mas porque tem que ser tão detalhado isso aí?

P/1 – É padrão, porque é uma entrevista histórica.

R – Então põem, 15 de agosto de 97 que ela veio, passamos a viver juntos.

P/3 – Qual a atividade dela?

R – Do lar. Ela é advogada, mas não exerce.

P/3 – O senhor tem filhos?

R – Não.

P/1 – Agora entra numa prática sobre sua formação. Formação escolar?

R – Eu fiz só o ginásial, interrompi o curso técnico. Eu sou jornalista porque naquele tempo não havia necessidade de Faculdade. Eu sou radialista e jornalista, tenho o registro mas não fiz o curso; nem de radialista, nem de jornalista, fiz curso nenhum.

P/2 – Eu fui obrigado a fazer.

R – É, depois a lei obrigava né.

P/3 – O senhor tem religião?

R – Eu sou católico.

P/3 – Agora, trajetória profissional do senhor, o senhor começou...

R – Comecei aqui em Santos. A primeira Rádio que eu trabalhei, mas não era remunerado, foi a Rádio Guarujá, fez um sinal aí pensei que era, Rádio Guarujá. Depois da Rádio Guarujá trabalhei na Rádio Universal daqui de Santos, e na Rádio Cultura também de Santos.

P/3 – Sim, e qual atividade o senhor tinha nessa época? O senhor começou como jornalista ou radialista?

R – Não, não como radialista.

P/2 – Era tudo a mesma coisa?

R – É mais ou menos, não é bem, mas é...

P/3 – Começou como radialista e exerce até hoje?

R – É, exatamente. E faço TV também, né?

P/3 – Aí o senhor exerceu a atividade jornalística, é isso que o senhor está fazendo?

R – Não, o que eu quero dizer é o seguinte, radialista esportivo, pra começar, tem uma especialidade que o jornalista não tem, narrador pôr exemplo que narra o jogo. Como um jornalista pode narrar uma partida de futebol, entendeu? Isso já é uma diferenciação grande, no início da carreira fui relator esportivo, eu fui repórter, locutor, plantão e comentarista, só não fui técnico de som, o resto eu fui tudo.

P/2 – Então esse sistema, partindo de seu histórico profissional, o senhor poderia dizer mais ou menos como que foi essa sua história, o senhor começou...

R – Então veja bem, quando eu entrei no rádio coincidiu que havia uma procura por locutores comerciais, que eram aqueles que liam as publicidades naquela época nas rádios. Assim como você vê hoje os spots gravados, “Casas Bahia não sei o que lá”. Naquele tempo era texto e Rádio de cidade menor como era no caso de Santos, por exemplo, anunciava panificadora não sei o que lá, ourivesaria não sei o que, tinha que ter uma pessoa pra ler esses textos no estúdio, certo? E houve uma espécie de uma peneira lá, um teste geral pra aproveitar um número X de locutores e eu me inscrevi e fui aprovado. Mas eu queria fazer esporte, só que não havia vaga no momento, então eu comecei a fazer locução comercial.

P/3 – Isso quando?

R – Cinquenta e sete. É, só que aí aconteceu o seguinte, aí eu trabalhei um mês nessa Rádio Guarujá e eles diziam que era estágio entendeu, e não tinha salário nenhum. E aí o meu pai deu a bronca, falou: “Não, então se não ganha nada para”. Aí quando foi em 59, por isso que eu digo que eu comecei em 59, 57 não valeu, eu comecei a fazer plantão esportivo, aquele sujeito que informa o resultado dos jogos, como Milton Neves faz até hoje, certo? Só que Milton Neves conseguiu dar um golpe na praça aí, se arrumou, está cheio de dinheiro, o golpe que eu digo é publicitário e depois de plantão eu passei a narrador.

P/3 – Esse plantão esportivo era feito na Rádio Guarujá?

R – Rádio Guarujá não, depois já era na Rádio Cultura. Cultura de Santos. Aí um determinado dia me convidaram pra narrar um jogo, se eu teria condições de narrar. Eu meti a cara, narrei, saiu mais ou menos, aí eu fui narrador de 60 até 68, por aí.

P/3 – Pela Rádio Cultura?

R – Não, aí eu tive na Cultura, na Universal, e depois fui pra São Paulo, pra Difusora em 62. Difusora São Paulo. E em 63 foi fundada a equipe 1040, da Rádio Tupi e eu integrei a equipe da Rádio Tupi, até a extinção dela que foi em 81.

P/2 – “1040”?

R – É, aí eu fui narrador e depois fui repórter de campo e no final comentarista. No final da Tupi, estou dizendo. Quando a Tupi faliu, eu era comentarista na época. Depois eu trabalhei na Rádio Capital, trabalhei em Ribeirão Preto, Rádio Renascença e Cultura.

P/3 – Isso depois da Tupi?

R – Depois, Tupi, Rádio Capital, e depois da Capital, Ribeirão Preto.

P/3 – Difusora, o senhor disse.

R – Quando eu fui era Difusora, depois passei a Tupi. A ordem é a seguinte Difusora, Tupi, Capital depois Ribeirão Preto, Rádio Renascença e Cultura de Ribeirão. Depois eu tive uma proposta de Fortaleza, mas não fiquei lá, e aí eu voltei pra Santos em 85, 84 aliás, quando Santos até foi campeão. Daí Cacique em 84, Cultura, depois fiquei pulando de galho em galho, Atlântica, Cacique de novo, Clube, e agora estou na Cultura.

P/2 – É duro a vida de jornalista, né? Eu sei porque eu sou jornalista.

R – É.

P/3 – O senhor chegou a ser repórter de campo?

R – Fui.

P/3 – Em que período mais ou menos?

R – De 68 a 70, de 69 a 74.

P/3 – Pela?

R – Tupi. Depois de 74 eu passei a comentarista até os dias de hoje.

P/3 – O senhor já morou... Localidades em que o senhor já morou?

R – Em São Paulo e aqui só. Ribeirão Preto eu fiquei, mas morava num hotel lá e ia pra São Paulo muito, não posso considerar moradia, moradia era São Paulo e aqui só.

P/3 – O senhor faz, realiza outras atividades?

R – Não, eu trabalho em Rádio e Televisão.

P/3 – Mas em sindicatos, atividades sociais?

R – Não, não.

P/3 - Religiosa?

R – TV Mar.

P/3 – Nada?

R – Não, participei já, mas atualmente não.

P/3 – O senhor poderia citar algumas dessas atividades que o senhor desenvolveu. Conhece esses dados?

R – Clubes, você fala?

P/1 – Atividades associativas...

R – Não, eu pertenço a Assezan que é Associação aqui de Santos, dos cronistas esportivos aqui de Santos, sou da comissão fiscal da Assezan.

P/3 – Desde?

R – Uns 4 anos pra cá.

P/3 – O senhor tem atividades de lazer?

R – Lazer, tenho como todo mundo, né?

P/3 – Quais são?

R – Ah tenho, bom esportes eu não estou praticando mais né, não dá mais, daria mas não quero mais, parei com 46 anos quando vi Pelé jogando no time de veterano, falei “se o Pelé está dando esse vexame aí eu vou jogar o quê?” Parei também por causa dele. Pode acreditar que é verdade, fosse ele está fazendo papelão eu vou fazer o quê? (riso)

P/1 – Então o senhor Moran, vamos começar agora o assunto aí do Santos, como que é que o Santos...

P/2 – Deixa eu só fazer uma pergunta, o primeiro jogo que o senhor narrou foi o jogo do Santos?

R – Não, não, não coincidiu, não coincidiu, era o jogo do torneio Rio-São Paulo. Era um jogo no Pacaembu, tem uma curiosidade desse jogo, era um jogo Corinthians e Portuguesa dos Desportos, se eu não me engano era num sábado a tarde, não sábado a noite, mas era verão e ainda era dia claro quando começou o jogo. E saiu um gol a 30 segundos de partida, que eu estava, primeiro jogo que eu fui narrar. Estava preparado pra uma série de coisa, menos pra sair um gol a 30 segundos. (risos) Tal de Zaguia que fez o gol, um baiano. Eu gritei lá como pude lá, saiu mais ou menos.

P/1 – Mas então voltando um pouquinho, como é que o time do Santos apareceu na sua vida?

R – Aí veja bem, eu fui criado aqui em Santos, sou santista, desde garotinho a gente já via o Santos, escutava no rádio, meus irmãos me traziam no jogo que eu era o mais novo, né. Como qualquer outro garoto de hoje, morador aqui tá interligado com o clube normalmente né, não é isso?

P/1 – E a Vila Belmiro, da época da infância que o senhor via, era diferente?

R – Ah, era bem diferente claro, eu ainda cheguei pegar o final das arquibancadas de madeira, que eram localizadas aqui nas sociais. Porque a primeira vez que eu vim trazido pelos manos foi em 46, tinha 6 anos e essas arquibancadas, do lado da sociais, elas terminaram de serem construídas por volta de 53 pra 54 por aí. Primeiro foi construída essa da José de Alencar na esquina da Princesa Isabel, essa era única. Essa antes de 50 ela estava pronta, final de 50 estava pronta, depois as outras. Começou de lá pra cá, da José de Alencar pra Rua Tiradentes e aí as obras foram sendo completadas, arquibancada do outro lado era de concreto, mas era baixa, eram poucos degraus, ela também foi derrubada depois.

P/2 – Em 64 fizeram essa aí.

R – E aí foi erguida a outra, aí eu já estava, quando derrubaram a outra, eu já estava lá em São Paulo já.

P/2 - Naquele jogo Santos e Corinthians...

R – É aquele jogo foi em 64 e foi uma excessiva presença de pessoas forçando em cima do alambrado, o alambrado cedeu...

P/2 – Caiu uma rampa de madeira?

R – É, uma rampa caiu.

P/2 – Que estava lá que não devia estar lá, aí o pessoal entrou em pânico...

R – Eu tenho uma fita da TV Câmera e oportunamente vocês poderão copiar, eu posso passar, tem uma porção de depoimentos ali. Até por coincidência eu fui presenteado com essa fita a semana passada, eu já assisti, tem depoimentos do Zoca, do Pelé e passa esse dia da...

P/1 – Aí tem essas imagens?

R – Tem, tem de quando houve a TV Câmera, não sei se vocês tem que comunicar eles alguma coisa aí não sei. Mas eu posso passar, mas acontece o seguinte eu preciso da cópia, eu penso ficar com a fita.

P/1 – Claro.

R – Não, porque essas coisas quando a gente cede as vezes extravia, não porque às vezes por descuido de alguém, né, não é desonestidade no caso, entendeu?

P/1 – Ah não, mas aí é bem rigoroso, tem todo o sistema de pegar...

R – Essa fita estou pra mostrar até pro Zoca, porque o Zoca faz umas declarações. O irmão do Pelé, né? E ele faz umas declarações curiosas aí na fita e eu vou mostrar qualquer dia pra ele, depois você me deixa o telefone aí na primeira oportunidade eu ligo pra você.

P/1 – Sr. Moran, voltando ainda nessa época da infância, então o senhor foi levado pelos seus irmãos pra assistir o jogo do Santos, tem algum jogo que marcou a sua memória?

R – Na infância você fala? Ah, na infância o primeiro jogo que eu vi, acho que foi o Santos e Comercial aqui que era um clube de São Paulo, depois foi um Santos e Palmeiras na decisão de 47. Palmeiras foi campeão, ganhou de 2 a 1 aqui. Eu lembro bem que o goleiro do Palmeiras era o Oberdan que era o mais famoso da época e teve um pênalti a favor do Santos e o Odair é que bateu, era o meia esquerda do Santos. Eu achava pelo que eu escutava falar do Oberdan que ele ia pegar, porque o Oberdan era um goleiro que tinha uma mão enorme. Ele pegava a bola com uma mão só, não que ele defendesse com uma mão só, mas ele era capaz de apanhar a bola com a mão pra colocar em jogo entendeu. Então achei que ele ia defender o pênalti na minha inocência de criança, não sabia que pênalti é mais pro batedor, né? E o batedor, que era o Odair, bateu e o Oberdan só ficou olhando, a bola entrou lá, quer dizer eu tive vontade de falar “Que diabo de goleiro é esse aí?”. (risos) E outras coisas mais aí, depois eu já via por minha conta aí, uma época eu me filiei ao quadro social do Santos, quer dizer, eu pedi pra minha mãe né, pra pagar o recibo né, porque naquele tempo o associado entrava de graça nos jogos, ele pagava o recibo e aí ele apresentava a carteira com o recibo do mês vigente e tinha livre acesso aos jogos, não pagava nada. Então até financeiramente falando era vantagem ser sócio, o sujeito ia gastar X dinheiro em 5 jogos durante o mês, ele sendo sócio ele gastaria ao equivalente há 2 ou 3 ingressos só. E isso aí também possibilitava a comparecer nos treinos e eu vinha assistir treino também.

P/1 – Dava pra assistir treino?

R – Eu vinha, não todo treino, mas de vez em quando eu vinha. Porque era sócio e eu fui sócio dos Santos até 54 por aí. Depois entra naquela fase que o camarada sai pra trabalhar, pra arrumar dinheiro pra ele e aí ninguém mais pagava o recibo pra mim, e eu também não conseguia pagar e acabei saindo, mas tem minha ficha até hoje aí, na secretaria.

P/1 – E o senhor estava falando de sair pra trabalhar, o seu primeiro trabalho o senhor tinha quantos anos?

R – Dezenove pelo seguinte, porque quando eu tive a sorte de nascer, o meu pai estava numa situação financeira um pouco melhor do que anteriormente. E ele queria que eu estudasse. Então eu estava estudando no ginásio, etc., mas aí pra dizer a verdade houve algumas reprovações

no caminho e no Canadá até, que era o colégio mais rigoroso da cidade, o Mário Covas sempre fala do Canadá. Gastone Righi, o Latorraca mais recentemente, era um grande colégio mesmo, não porque eu tenha estudado lá.

P/2 – Mas o Canadá era um grande Colégio. A grande escola pública da cidade era o Canadá.

R – É verdade, eu me orgulho de ter estudado lá. Mas acontece que eu gostava muito de jogar bola e tal, o que eu aprendia era mais na aula, eu não era de ficar em casa estudando, entendeu, como que é? Então chegava na hora do exame, especialmente matemática que é uma coisa que você não pode deixar de se aplicar, eu acaba entrando bem, português eu tirava de letra, mas matemática eu me atrapalhava. Bom, e aí que aconteceu? Eu tive que passar a estudar à noite, aí o velho dava uma mixaria de mesada. Aí eu sentia necessidade de ter que ganhar. E o primeiro trabalho meu foi já como radialista numa campanha eleitoral, eu saí falando no alto falante, campanha do Lott contra o Jânio Quadros, por sinal o Jânio ganhou disparado, mas eu, o meu eu recebi do mesmo jeito.

P/1 - E como era, um carro?

R – Alto falante. É, “Vote no Presidente da República do Marechal Teixeira Lott, etc. e tal.”

P/1 – E como que era, era apenas vozes ou ainda conseguia...

R - Não, só voz, né?

P/1 – Só voz, não tinha música, não tinha nada?

R – Ah, tinha aquelas propagandas, aquelas músicas de eleições, tinha sim.

P/1 – Com gravador?

R – É, revezava, um pouco era gravado, era musical e outro pouco era falado no ampliador.

P/1 – E o trabalho, você ficava rodando a cidade?

R – É, Isso quem fazia era o motorista, eu saía falando.

P/1 – O senhor ia no banco do lado?

R – Isso, isso, isso foi o primeiro dinheiro que eu ganhei na minha vida.

P/2 – O senhor votou em quem?

R – Eu votei no Lott, só faltava eu votar no Jânio Quadros, não pelo amor de Deus, o meu pai era esquerdista.

P/2 – Como um bom espanhol.

P/1 – E então quer dizer que foi em 59.

R – Não, aí já foi 60, né?

P/1 – Foi 60? Eu queria repor um pouquinho, o senhor se lembra das conquistas do Santos no Bi de 55, 56?

R – É claro que eu lembro.

P/1 – O senhor assistiu aos jogos, acompanhou o campeonato?

R – Naquele tempo, aí é a fase de transição, eu via alguns jogos, mas não via todos não, porque aí eu já pagava ingresso. Eu costumava ver muito os 15 minutos finais, quando eles abrem o portão, antigamente era assim, e os caronas entravam, não precisava pagar os 15 finais, inclusive quando o Santos ganhou do Taubaté em 55, eu vi os 15 minutos finais, mas quando eu vi já estava 2 a 1 pro Santos, o gramado foi invadido, a torcida fez aquela festa toda.

P/1 – Como é que era a festa? A festa da comemoração do título era só no estádio?

R – Era só no estádio, era só no estádio. Não, houve algumas coisas isoladas no bairro que eu morava, eu lembro que apareceu um sujeito com a bandeira do Santos lá, cervejada no bar e tal. Mas não tinha cortejo de carro buzinando isso não, quando havia uma caravana pra São Paulo, que o jogo era em São Paulo, e o time ganhava, aí na volta sim, mas especificamente por causa de ter ganho o campeonato não havia.

P/1 – E o caso de 56?

R – Cinquenta e seis houve, porque foi no Pacaembu, né?

P/2 - Houve uma recepção?

R - É houve, porque foi no Pacaembu, em 55 teria havido também, mas como a Vila Belmiro concentrou todo mundo, ficou todo mundo na Vila até a noite, acabou não havendo nada fora, entendeu? Mas em 56 o jogo foi no Pacaembu, a negra contra o São Paulo, Santos ganhou de 4 a 2, esse jogo foi televisionado aqui pra Santos e eu vi o jogo através da televisão. Nessa noite o Del Vecchio e o Pagão jogaram demais. O Del Vecchio fez seguramente, ele confirmou em vida ainda, a melhor atuação da vida dele foi nesse jogo. E o Pagão jogou muito bem também, foi através dos dois que o Santos acabou liquidando com a defesa do São Paulo, ganhou de 4 a 2.

P/2 – Teve até aquelas faltas em cima da área e tal.

R – É, estava perdendo de 2 a 1 no 1º tempo, aí virou pra 4 a 2. E segundo tempo se não me engano 3 a 0 pro São Paulo.

P/1 – E aí foi festa na...

R – Aí na chegada sim. A partir da entrada da cidade até chegar aqui e aí também acendeu a luz do estádio e tudo mais. Agora depois quando o Santos entrou na rotina dos campeonatos ganhos, aí a comemoração já era muito pouca, inclusive eu lembro do Tri Campeonato de 69, o 2º Tri Campeonato, o último Tri Campeonato do Santos, que tem dois Tri Campeonatos, 62, 63, 64 e 67, 68 e 69. O segundo, o jogo final foi contra o São Paulo no Morumbi no Sábado a tarde, houve empate de 0 a 0, o empate dava pro Santos. Terminou o jogo o pessoal tomou banho se trocou, foi pro avião porque ia viajar pro exterior, não teve comemoração nenhuma, terminou no campo e tal, os abraços e coisa e tal e acabou, acho que nem volta olímpica não teve. É, e o estádio também não apanhou grande público, e todo mundo já achava que o Santos ia ser campeão mesmo, entendeu? Foi meio sem graça em 69. Já em 73 foi diferente lotou o estádio, quando Armando Marques fez aquela bobagem lá de se enganar na conta dos pênaltis. Santos e Portuguesa botaram 100 mil pessoas no Morumbi.

P/1 – Senhor Moran, então vamos voltar um pouquinho, tentar fazer uma coisa cronológica. Então o senhor começa a trabalhar e...

R – É, pode por 60 né, final de 59 início de 60.

P/1 – Como foi o Santos no ano de 60?

R – Foi campeão paulista. Ele ganhou Rio-São Paulo anteriormente e depois ganhou o Campeonato Paulista. As duas competições que existiam na época. Só existia o torneio Rio-São Paulo e Campeonato Paulista, e depois que veio a Taça Brasil logo em seguida.

P/1 – O senhor já começou a ser radialista a partir de 1960. E o senhor acompanhou esses jogos...

R – É, acompanhava, mas a gente tinha uma dificuldade quando os jogos eram fora da cidade, porque aqui na época, o Ernani Franco era o dono absoluto da audiência, era a Atlântica. As Rádios Cultura e Universal que era as duas que eu trabalhei aqui, elas tinham pouquíssima audiência. Então porque tinha pouca audiência era difícil de comercializar, obter propaganda. Então às vezes eu ia fazer jogo no interior, Taubaté, Campinas e tal, já Ribeirão Preto que era uma despesa um pouco maior às vezes não ia, não conseguia, como se diz na linguagem radiofônica, não conseguia vender a transmissão, não era eu que tinha que vender, mas a rádio não vendia. Para não ter prejuízo, não ia fazer o jogo, entendeu? Agora os jogos de São Paulo e aqui faziam invariavelmente, então eu acompanhei muitos jogos.

P/1 – E então a função do senhor nessa época...

R – Era locutor esportivo, eu narrava os jogos.

P/1 – O senhor já pegou a parte mais difícil de início?

R – É, eu já estava narrando já, de 60 pra frente.

P/1 – O que é tido como a função mais difícil do radicalismo é a locução, né?

R – É, mas eu levava vantagem, porque quando eu era moleque eu já irradiava jogo de botão, irradiava tudo já, já sabia irradiar de moleque, modéstia à parte. Inclusive, tem uma curiosidade que eu já contei isso aí no dia que me deram lá um título de cidadão santista na Câmara Municipal eu contei essa história, que havia, eu vou me alongar aqui.

P/1 – Não, a gente tem tempo.

R – Havia um programa de auditório na Rádio Atlântica chamado Teatrinho de Brinquedo, essa época eu tinha 11 anos. Estou em casa e escutei lá o Marcelino Santos que era o animador, até o filho dele tem o mesmo nome, está vivo aí ainda. O Marcelino Santos já é falecido. Ele estava chamando os garotos pra fazer uma irradiação de um pedaço do jogo e terminava a locução com um gol, como que é de vez em quando fazem aí, até o Luciano do Valle fez outro dia com as mulheres, é locutora não sei se você viu, fazendo teste pra ver quem irradiava melhor.

P/1 – Ah é, eu vi isso.

R – Ali era com garotos de média de idade de 10 a 14 anos. Aí eu vi os garotos tinha que dar escalação do time, irradiava um pedacinho depois o auditório julgava quem era que tinha narrado melhor, não é? Eu ouvi da minha casa eu falei: “Pô eu vou lá, vou ganhar desses caras todos aí, está entendendo?” Aí eu decorei a escalação do Juventus da Itália e do Áustria, falei bom tenho a minha pretensão, eu falei: “Bom eles estão narrando Santos e Corinthians, São Paulo e Palmeiras, eu vou lá irradio o Juventus da Itália e o Áustria, quando der a escalação eu já ganhei, não preciso nem irradiar o jogo”, não é isso? Aí eu decorei. Lá fui eu pra Rádio Atlântica domingo de manhã, fui com um terninho de albene, usava calça curta, terno de albene branco, sabe que aconteceu aí veio um ponderado da vida, sabe o que aconteceu? Agora prova do sei que lá, aí uma porção de moleque levantou a mão, e eu também lá no meio, só que não me chamou pra participar. (risos) Como que eu ia ganhar se não participei. Eu cheguei em casa o que eu chorei não está no mapa e a minha mãe tentando me consolar, mas não tinha jeito, aí eu não voltei mais, no outro domingo eu não fui não, não fui mais. Veja bem isso foi com 11 anos de idade e depois eu fui narrar o 1º jogo com 19 pra 20 anos de idade já no Rádio. Se eu tivesse ido, se o Marcelino me chama naquela ocasião, pode ser que a minha trajetória fosse diferente... Porque eu ia ser um assombro, porque eu ia falar mesmo, eu não ia esquecer nada, tenho certeza, mas acho que Deus não quis sei lá o que foi.

P/3 – Em quem o senhor se inspirava pra...

R – Ah, eu ouvia vários locutores, eu ouvia todos da época.

P/3 – Quem?

R – O que eu ouvia mais era o Pedro Luiz que era da Pan Americana na época, mas eu ouvi todos eles o Pedro Luiz, Geraldo José de Almeida, Edson Leite, Oduvaldo Cozzi do Rio de Janeiro e Ernani Franco aqui pra citar esses cinco aí.

P/2 – O Fiori estava começando, né?

R – O Fiori era depois, veio depois.

P/2 – Me diga uma coisa, o que era irradiar nos anos 60 um jogo do Santos? Estou perguntando o seguinte, em 69, por exemplo, nem teve comemoração, a sensação que era assistir esses jogos, quer dizer, que você vinha pra cá pra ver goleada, está certo? Como que era irradiar nessa época, a sensação de um jogo do Santos, aquele espetáculo?

R – É mais ou menos, ali era o seguinte quem narrava e quem ouvia já estava todo mundo preparado pra mesma coisa, que o Santos ia ganhar de goleada, já havia este estado de espírito, né? Então era feito a coisa, é um processo que você na hora, a gente na ocasião não avaliava, que depois ia ficar tudo isto na história entendeu, não se avaliava, não tinha essa progressão. Era uma coisa que era vivida no momento ali.

P/2 – O senhor irradiou, por exemplo, aquele jogo Santos 11, Botafogo 0?

R – Não, não nessa época eu já estava na Tupi e eu não estava na Vila Belmiro esse dia não, esse jogo eu não vi, eu vi ganhar de 10, vi ganhar de 9. Mas esse dia dos 11 não, eu vi ganhar de 12 a 1 da Ponte Preta.

P/1 – O senhor aceita uma água?

R – Aceito.